

Artigos

Transtorno de déficit de atenção e hiperatividade na escola

Isadora Fernandes¹; Larissa Klosowski de Paula²

¹Graduada em Pedagogia pela Faculdade Intermunicipal do Noroeste do Paraná (FACINOR).

²Graduada em História e Mestre em Ensino – Formação Docente Interdisciplinar, pela Universidade Estadual do Paraná – UNESPAR / Campus Paranavaí. Doutoranda em História pela Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD. Integrante do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação e Diversidade do Campo (GEPEDIC) e do Grupo de Estudos e Pesquisas em Ensino, História e Educação (GEPEHED). Docente na Faculdade UniBF.

✉ larissa_klosowski@hotmail.com

Resumo

Palavras-chave:

TDAH.
Docente.
TDAH na escola.

O presente artigo aborda a definição do Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade, assim como a importância do professor estar interado do assunto, sendo este conhecedor do que provoca o transtorno, seus sintomas e melhor forma de trabalhar com um aluno que possui essa particularidade. O objetivo desse estudo foi investigar se os professores sabem identificar essa disfunção em seu aluno. Para tanto, primeiramente se partiu de uma bibliografia acerca da temática, para que, posteriormente, pudesse ser utilizado como material investigativo um questionário com perguntas realizadas aos docentes de uma escola localizada na Região Noroeste do Paraná, com o objetivo de identificar se estes possuem conhecimento do transtorno, assim como das formas adequadas para o ensino e aprendizagem do aluno que o possui. Como resultado, foi constatado que a maioria dos professores entrevistados possuem o conhecimento necessário para realizar a identificação do TDAH em seu aluno, porém ainda falta o conhecimento sobre o laudo médico que seu aluno já traz consigo, para que o professor adequa sua aula conforme a necessidade da criança.

1 INTRODUÇÃO

De acordo com Caliman (2008), o Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) vem sendo descrito, desde meados de 1980, como uma disfunção neuropsiquiátrica que não possui cura, mas que pode ser passível de acompanhamento e de medidas que amenizam seus efeitos. Alguns sintomas comuns do TDAH são a falta de atenção, foco, impulsividade e inquietude. É normal que algumas pessoas possuam um destes sintomas, porém, quando possui um grau de intessividade elevado pode ser por outros motivos, dentro destes está o TDAH (SILVA, 2003).

Além disso, o TDAH também é caracterizado como um transtorno neurobiológico que atinge diretamente as células do sistema nervoso, sendo uma combinação entre fatores genéticos e ambientais. Neste sentido, se a família possui genes desse transtorno, existe grande probabilidade da criança herdá-lo geneticamente, assim o ambiente externo age numa proporção pequena neste quadro, de modo que exerce influência, porém não a causa diretamente o transtorno (SILVA, 2003).

Estes sintomas começam a aparecer na infância, de modo que, dada a ser esta a parte da vida que esta adentra o sistema educacional, geralmente é na escola que se percebem os primeiros sinais de

uma criança que possui esse transtorno. Isso corre também porque é na escola que a criança a aprender e desenvolver suas funções, sendo de suma importância que a escola oriente os pais a passar por um especialista caso haja a possibilidade da criança em questão possuir TDAH, pois mesmo que não tenha cura existe um tratamento e fará com que esta criança tenha uma vida normal tanto quanto o possível (GOMES e VILANOVA, 1999).

Diante dessas premissas, a justificativa da pesquisa que segue consiste na importância de, no ambiente escolar, os professores conhecerem e serem capazes de identificar o transtorno para que melhor possam colaborar para o desenvolvimento da criança que o possui, ou, caso fosse o caso, procurasse auxílio por intermédio de formações continuadas e capacitações para tal.

Partindo desses pressupostos, a presente pesquisa teve como objetivo identificar se os professores possuem ou não o conhecimento necessário para identificar um aluno que possui esse transtorno. Para tanto, partiu-se da hipótese que eles não possuíam tal conhecimento, hipótese esta que foi negada quando na finalização da pesquisa.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 TDAH: possíveis causas e principais características

Segundo Silva (2003), a falta de atenção é o sintoma mais comum em uma criança que possui TDAH, sendo também importante destacar que uma pessoa pode ou não apresentar a hiperatividade, mas nunca deixará de ter alterações de atenção. A impulsividade é um dos sintomas que acaba levando a criança a responder ou interromper precipitadamente antes das pessoas terminarem de falar, o que também caracteriza o transtorno. (GOMES e VILANOVA, 1999)

Além disso, existem outros sintomas que caracterizam esse transtorno como a mudança na sociabilidade, instabilidade emocional, baixa tolerância, atitudes desafiadoras e baixa autoestima. Algumas crianças também apresentam a chamada apraxia, o que acaba os classificando como desastrados. Também é possível que apresentem problemas na fala e alterações do processamento auditivo. (GOMES e VILANOVA, 1999)

Importante ressaltar que uma criança que possui este transtorno não possui um “cérebro defeituoso”, mas sim um cérebro que apresenta um funcionamento diferente, que lhe traz um comportamento peculiar que pode ser motivador de suas melhores e piores características. (SILVA, 2003)

Na maioria das vezes o diagnóstico é feito na escola, de modo que problemas que antes não eram perceptíveis, agora, dentro de sala de aula, podem ser observados com mais frequência. Isso porque é na escola que os processos de atenção dirigida e contenção de impulsos são mais exigidos, e os sintomas como a hiperatividade e a desatenção começam a prejudicar o processo de aprendizagem da criança justamente por interferirem no controle da atenção e da contenção. (PEREIRA, ARAÚJO, MATTOS, 2005)

Deste modo, sendo na escola o local onde esse transtorno pode ser identificado com mais frequência, de acordo com Bento (2019), é de suma importância que a escola oriente os pais a passar por um especialista, pois mesmo que não tenha cura para essa particularidade, existe um tratamento que possibilitará à essa criança um melhor controle sobre o transtorno, fazendo com que esta tenha uma vida normal tanto quanto o possível. (MARTINS, 2019)

É no ambiente escolar, também, que, graças aos sistemas de avaliação, a criança apresenta notas baixas, problemas de relacionamentos, possui baixa autoestima devido aos rótulos que recebe por

seus pais, colegas e professores, que às vezes por não ter conhecimento sobre esse transtorno, não sabem o porquê desse sujeito ser desatento e bagunceiro, o rotulam e isso faz com que seu rendimento escolar caia cada vez mais. Como consequência do transtorno, essa criança vai tomar atitudes primeiro e pensar depois, reage à maioria das coisas que são propostas à ela e, por vezes, de maneira negativa ao que dela se esperava.

As pessoas acabam as considerando mal educadas e imaturas. Entretanto, esse tipo de eventualidade só acontece devido ao fato de uma área do cérebro, responsável de impulsos, não funcionar como deveria. (SILVA, 2003)

No que tange ao DSM-V, vale ressaltar que

A característica essencial do TDA/H é um padrão persistente de desatenção e/ou hiperatividade - impulsividade que interfere no funcionamento ou no desenvolvimento. A desatenção manifesta-se comportamentalmente no TDAH como divagação em tarefas, falta de persistência, dificuldade de manter o foco e desorganização - e não constitui consequência de desafio ou falta de compreensão. A hiperatividade refere-se à atividade motora excessiva em lugares não apropriados ou remexer, batucar ou conversar em excesso. A impulsividade refere-se às ações precipitadas, normalmente essas pessoas não pensam antes de realizar algo, simplesmente fazem e depois que vem as consequências de sua ação que pensam no que foi feito, ocorrem no momento sem premeditação e com elevado potencial para dano à pessoa. A impulsividade pode ser reflexo de um desejo de recompensas imediatas ou de incapacidade de postergar a gratificação. Comportamentos impulsivos podem se manifestar com intromissão social e/ou tomada de decisões importantes sem considerações acerca das consequências no longo prazo (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION-DSM-V, p. 61, 2014).

Sendo assim, é de suma importância que não só o professor, mas também as escolas estejam preparadas para acolher esse aluno, posto que, de acordo com Martins (2019), esse número vem crescendo ano após ano. A primeira providência que deve ser tomada assim que notado o possível transtorno consiste em avisar os pais e assim aconselhá-los a procurar acompanhamento especializado, e assim que diagnosticado o transtorno o professor, junto com a escola, deve tomar as medidas necessárias em sala de aula para ajudar no desenvolvimento deste aluno. (GOMES e VILANOVA, 1999)

De acordo com Matins (2019), deve haver um constante diálogo entre pais e professores, buscando informações sobre o quadro de desenvolvimento, avanços e retrocessos para, assim, ir amenizando as dificuldades de aprendizagem do aluno.

Visto que é de suma importância a participação do professor junto com a escola para o desenvolvimento de um aluno que possui esse transtorno, é necessário, então, que a instituição trabalhe de maneira correta para não acabar agravando mais ainda a situação. Sendo assim, o professor deve saber como e o que fazer na prática pedagógica para atingir seus objetivos. (SMITH, STRICK, 2001)

O professor tem papel fundamental no processo de aprendizagem desses alunos. É ele que, em muitos casos, percebe quando existe alguma alteração fora do comportamento esperado. Assim, quando o educador acompanha os progressos e dificuldades de seu aluno, facilita na hora de avaliar sua situação. (AFONSO, 2011)

De acordo com Souza (2018), um profissional bem informado, neste caso, sobre TDAH, tem condições de notar algumas características irregulares nas atitudes diárias do aluno e tomar as providências necessárias. Sendo a primeira delas notificar a escola, para que esta converse com os pais para que possam procurar ajuda especializada.

Ainda citando a autora supramencionada, para que o tratamento deste aluno aconteça de forma eficaz, além de uma abordagem interdisciplinar, o uso de medicações e terapia, faz-se necessário a adoção de formas e estratégias pedagógicas para melhorar o desenvolvimento desta criança, formulando caminhos que facilitem a absorção dos conteúdos.

A didática em sala de aula tem o compromisso de facilitar e melhorar a concentração do aluno nos temas, nas atividades, buscando assim meios que o motivem a prestar atenção, usando de meios audiovisuais e/ou sensoriais. O professor deve fazer uma avaliação onde ele busque diversos meios para saber se o aluno aprendeu ou não o que se foi passado e sempre elaborar rotinas para que ele o siga repetitivamente e diariamente. (GRAEFF; VAZ, 2008)

O educador, muitas vezes, não sabe o que fazer com crianças tão especiais que, não raramente, acaba não tendo informações adequadas e a metodologia específica. Percebe-se que este ao se deparar com aluno diagnosticado com TDAH, logo atribui a “culpa” na doença pelo fato da criança não aprender e isenta-se de suas responsabilidades. Porém, é aí que professor deve intensificar sua prática, tentando metodologias novas, aulas que prendem mais a atenção do aluno (SILVA, 2003).

Deste modo, é importante que o professor esteja disposto a se adaptar e adaptar sua sala de aula para receber este aluno, assim ele estará facilitando sua aprendizagem no decorrer do dia.

Crianças com esse transtorno tendem a sentir tudo com mais intensidade, se gostam, gostam muito; se odeiam, odeiam de mais; se estão tristes, ficam arrasados. Deste modo, suas emoções são impulsivas, quase sempre falta razão. A delinquência juvenil é fruto do insucesso escolar que pode provocar inúmeras consequências como problemas afetivo-emocional e desajuste social. (GOMES e VILANOVA, 1999)

Sendo assim, o TDAH em si não traz apenas pontos negativos para a criança. A impulsividade também pode ser considerada como favorável, pois o impulso faz com que as ideias saiam apenas no pensamento e se tornem ação, ou seja, saiam do plano virtual para o plano real.

Assim como o grande foco que a criança terá. Pois o TDAH pode variar seus estados de atenção, devido a sua impulsividade, a criança pode permanecer horas e dias concentrados em uma determinada ideia, fazendo com que realize seu trabalho de forma mais criativa.

2.2 TDAH na escola: como os professores podem contribuir com a identificação

A inclusão escolar tem como objetivo assegurar que todos os alunos com alguma deficiência e transtornos globais e/ou de desenvolvimento tenham acesso irrestrito à escola de ensino regular e, acima de tudo, que os professores atuantes estejam aptos para atendê-los (DUTRA, 2007). A educação inclusiva tem início desde a Educação Infantil até as séries finais, onde devem dispor de um atendimento especial, disponibilizando todos os tipos de recursos necessários inclusive serviços de atendimento e orientação aos alunos e professores. (DUTRA, 2007)

Vale ainda ressaltar que, de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira, LDB 9.394/96:

- Os sistemas de ensino assegurarão aos educandos com necessidades especiais:
- I – currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organização específicos, para atender às suas necessidades;
 - II – terminalidade específica para aqueles que não puderem atingir o nível exigido para a conclusão do ensino fundamental, em virtude de suas deficiências, e aceleração para concluir em menor tempo o programa escolar para os superdotados;

III – professores com especialização adequada em nível médio ou superior, para atendimento especializado, bem como professores do ensino regular, capacitados para a integração desses educandos nas classes comuns (BRASIL, 1996, p.19).

De acordo com Mantoan (2002), nos últimos anos essas propostas inclusivas vêm buscando consolidação no cenário brasileiro, sendo, portanto, necessários os conhecimentos das especificidades dessa educação aos professores em exercício.

Crianças que possuem o TDAH apresentam uma maior dificuldade quando se trata do ensino e aprendizagem na escola, estas estão mais favoráveis a serem encaminhadas para um trabalho com o pedagogo, ação disciplinar e serviços de saúde mental (SMITH, STRICK, 2001). Segundo Afonso (2011), são vários os fatores que podem ajudar a criança a superar sua dificuldade na aprendizagem, como um local tranquilo para o estudo, encorajamento nas atividades, horários certos para realização de tarefas, etc. Assim mesmo, um ambiente estimulante e encorajador no espaço escolar aumentará a vontade do aluno de aprender, sendo este ambiente de extrema necessidade a quem possui TDAH. Mesmo com problemas, transtornos, os estímulos serão uma forma de buscar contornar todas as deficiências.

A escola, desde muito cedo já começa a fazer parte da vida do aluno, a partir desse contato a criança começa conviver com outras crianças e assim vão definindo sua personalidade, conquistando seu espaço, apresentando suas características, conhecendo seus limites. Mas para um que haja um diagnóstico preciso, a criança deve ser avaliada em outros ambientes, afim que seja descartado que o problema está ocorrendo apenas na escola. (AFONSO, 2011)

Deste modo, é importante que todos no ambiente escolar estejam atentos a todos os sintomas apresentados, para que o diagnóstico seja feito o mais rápido possível, pois cerca de 5% das crianças e adolescentes com TDAH apresentam comportamentos como: agressividade, mentiras, roubo, oposição ou desafios às regras. E alguns podem, também, estar inclinados a abusos, dependências de drogas, álcool. Deste modo, essas consequências acabam levando a um fraco rendimento escolar, diminuído as chances de terminarem os estudos. (AFONSO, 2011)

2.3 A importância de o professor estar inteirado dos reais sintomas do transtorno de déficit de atenção e hiperatividade

É comum encontrarmos pessoas que confundem TDAH com dificuldades na aprendizagem. No entanto, uma criança com esse transtorno pode sim apresentar problemas nesse quesito, mas uma criança com problemas na aprendizagem, não necessariamente possui TDAH. A dificuldade em aprender pode estar relacionada a empecilhos que o aluno tem em alguma situação na vida escolar. (GRAEFF; VAZ, 2008)

O TDAH é um transtorno neurológico, ou seja, esse problema de aprendizagem é resultado da miniaturização de uma atividade na área cerebral. Para um diagnóstico correto é preciso que haja um processo de avaliação delicado e complexo, que precisa de um profissional com formação médica. Para tanto, um professor, com bom conhecimento teórico consegue identificar traços do transtorno no aluno, mas não diagnosticá-lo com precisão, por isso faz-se necessária a intervenção de um profissional capacitado para tal. (SMITH, STRICK, 2001)

Quando a criança começa a frequentar a escola, inicia-se uma série de afazeres, rotinas e metas que ela é solicitada a executar, sendo punida ou recompensada de acordo como as realiza. Nesta etapa os pais não estão mais presentes em tempo integral para ajudá-las, deste modo a criança começa a caminhar com suas próprias pernas, sendo estas que até momento só foram usadas para correr, pular, chutar, etc. E agora, não podem fazer as mesmas coisas a todo o momento, devendo fazer o que lhes é pedido, no tempo estabelecido, onde for preciso e no ritmo compatível com os demais colegas. A crian-

ça com TDAH agora precisará ajustar-se às novas regras, e, um professor conhecedor desse transtorno poderá auxiliá-la nesse processo, enquanto um que não possui tal conhecimento pode taxá-la de rebelde. (SILVA, 2003)

Mesmo o profissional tendo os requisitos necessários para o processo diagnóstico esse trabalho é cheio de armadilhas, pois esse diagnóstico é diferente dos outros, devido à inexistência de testes físico, neurológicos ou psicológicos que confirmem a presença do TDAH. (GRAEFF; VAZ, 2008)

Em alguns casos, a escola pode realizar um diagnóstico incorreto na intenção de explicar o motivo daquela criança não estar aprendendo ou agindo como o esperado. Porém mesmo com essa falsa qualificação, o TDAH é responsável por uma boa parte dos problemas escolares hoje em dia, por isso é necessário que haja uma identificação correta, para que, se esse aluno realmente possuir o transtorno, seja comunicado a família para que procure ajuda de um profissional qualificado, que este faça o diagnóstico e de início ao uso de medicamento, pois mesmo o TDAH não possuindo cura, existe um tratamento específico que pode ajudar no desenvolvimento deste aluno.

Fica indispensável então, a ajuda de outros profissionais na hora do diagnóstico, devendo ter conhecimento clínico e psicopatológico, usando recursos variados como escalas, testes psicológicos e neuropsicológicos. (GRAEFF; VAZ, 2008)

O professor também, depois de ter comprovado que seu aluno possui esse diagnóstico, procurará meios e maneiras diferentes para alcançar a aprendizagem com seu aluno, tais como, de acordo com Rohde e Mattos (2003, p. 209):

- Estabelecer uma rotina diária clara, com períodos de descanso.
- Estabelecer consequências razoáveis e realistas para o não cumprimento de tarefas e das regras combinadas, que devem ser compreendidas por todos.
- Focalizar mais o processo que a produção. Certificar-se que as atividades são estimuladoras e que os alunos os compreendem a relevância da lição.
- Adotar uma atitude positiva, como elogios e recompensas para os comportamentos adequados.
- Usar técnicas de prevenção de situações de conflito ou comportamento disruptivo por meio de cuidadoso planejamento.
- Utilizar estratégias de ensino ativo no processo de aprendizagem

O professor também, depois de ter comprovado que seu aluno possui esse diagnóstico, procurará meios e maneiras diferentes para alcançar a aprendizagem com seu aluno. Entretanto, se for comprovado que essa criança não o possui, o professor, juntamente com a equipe pedagogia irá rever o real motivo de a criança apresentar dificuldades durante ensino-aprendizagem.

3. METODOLOGIA

Neste estudo foi selecionada uma escola localizada na região Noroeste do Paraná, a qual o nome foi salvaguardado em virtude das questões relacionadas à ética na pesquisa, constando informações sobre esta apenas nos arquivos em posse da pesquisadora e que estão por ela resguardados.

Para responder à problemática de pesquisa foram necessárias duas abordagens distintas: a primeira, já demonstrada acima, que consistiu na análise bibliográfica de referência acerca da temática; e a segunda, procedente à primeira, que consistiu em uma abordagem quanti e qualitativa, por intermédio de aplicação de questionários aos professores da escola escolhida para a coleta de dados. Para esta etapa, foram elaboradas perguntas predeterminadas, feitas aos professores de cada uma das séries iniciais da escola selecionada.

Estes profissionais responderam individualmente os questionários de acordo com o conhecimento e informações que possuíam sobre o assunto. A intenção consistiu em identificar o conhecimento que os docentes de cada turma de 1° a 5° ano possuíam acerca do TDAH, a fim de sanar a dúvida sobre a possibilidade destes profissionais identificar os possíveis casos desses transtornos em seus alunos. Posteriormente, as informações obtidas através desses questionários foram contrapostas com o referencial teórico levantado para que o problema que levantou a pesquisa fosse elucidado, confirmando ou negando a hipótese levantada. Neste sentido, a pesquisa pretendeu colaborar na discussão sobre o real entendimento dos professores para/com esse assunto.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Inicialmente, buscou-se informações acerca da quantidade de turmas e alunos por turmas da escola que compõem o campo de pesquisa. Levando em considerações essa investida, os seguintes dados foram catalogados:

Quadro 1 - distribuição de alunos por turma

Ano	Quantidade de alunos
1° ano	21
2° ano	17
3° ano	15
4° ano	20
5° ano	18

Fonte: as autoras (2019).

De maneira geral, foi possível catalogar que a escola possui um total de 227 alunos, alocados no funcionamento nos períodos matutino e vespertino, mais precisamente nos horários das 07h30min às 12h10min e das 13h00min as 17h00min. As idades dos alunos variam entre 4 a 9 anos.

Na escola referida, cada turma de alunos conta com um professor responsável pela turma. Assim sendo, a pesquisa foi feita com um docente de cada turma das séries iniciais no período da manhã, devido a maior facilidade para contato com os mesmos.

Antes de ser aplicado o questionário que visava mapear os conhecimentos acerca do TDAH, sondou-se os docentes acerca de suas formações e tempo em exercício. Dessa sondagem inicial, os seguintes dados foram levantados:

Quadro 2 - caracterização dos professores

Professor	Sexo	Formação	Matéria Lecionada	Tempo de Ofício
P1	Feminino	Pedagogia	Mat./ Port./ Ciên./ Geo./ Hist./	14 anos
P2	Feminino	Letras	Mat./ Port./ Ciên./ Geo./ Hist./	7 anos
P3	Feminino	Pedagogia	Mat./ Port./ Ciên./ Geo./ Hist./	3 anos
P4	Feminino	Pedagogia	Mat./ Port./ Ciên./ Geo./ Hist./	5 anos
P5	Feminino	Pedagogia	Mat./ Port./ Ciên./ Geo./ Hist./	2 anos

Fonte: as autoras (2019).

Como a intencionalidade do estudo consiste em identificar os conhecimentos acerca do TDAH, partiu-se, em um segundo momento, para perguntas essencialmente centradas nessa temática. No entanto, como destacado por Montoan (2002) a quantidade de alunos por sala e a experiência do professor em exercício são fatores de influência quando no trabalho com necessidades particularizadas, e, de acordo com Papalia e Feldman (2013), ideal seria que as classes tivessem uma quantidade de cerca de 12 alunos por docente, o que, cruzando os dados com a pesquisa de Montoan (2002) sobre as particularidades da criança que possui TDAH, poderia ser um elemento para otimizar o aprendizado também desses alunos.

No entanto, longe de ser uma problemática ligada aos professores ou a escola, especificamente, esta é uma realidade da educação brasileira que vêm se perpetuando na atualidade, onde cada vez mais as salas de aula se tornam mais infladas e com menores recursos didáticos aos docentes. Nesta perspectiva, a inclusão de alunos que possuem TDAH e outros transtornos que empecilham o processo de ensino e aprendizagem, nas análises de Montoan (2002), podem ser agravados haja vista que o docente não pode atender de maneira mais otimizada nem o aluno que possui as especificidades, nem os que não a possuem.

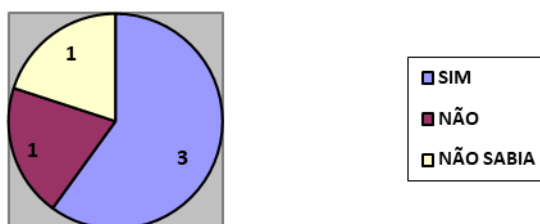
4.1 Resultado Final

Para dar continuidade a coleta de dados, foi estruturado um questionário em forma de perguntas padronizadas, que foi entregue aos cinco docentes das turmas, que os responderem e os retornaram à pesquisadora para análise dos dados e catalogação da pesquisa. Esse questionário estava estruturado em cinco perguntas gerais e uma relacionada à quinta pergunta. As respostas eram de simples resolução, haja vista que “sim” e “não” eram as possibilidades de respostas às mesmas.

Primeiramente, perguntou-se aos professores se já tinham ouvido falar do termo TDAH. Para esse questionamento, a resposta “sim” foi unânime. Em seguida, o questionário sondava os docentes acerca da possibilidade ou não de cura para o TDAH, e fora possível perceber que todos os professores têm o conhecimento de que o transtorno não tem cura.

A terceira pergunta focalizava no questionamento de se os professores possuíam ou não alunos laudados com TDAH. Para este questionamento, as respostas divergiram na seguinte proporção:

Gráfico 1: quantidade de entrevistados que têm alunos com TDAH



Fonte: as autoras (2019).

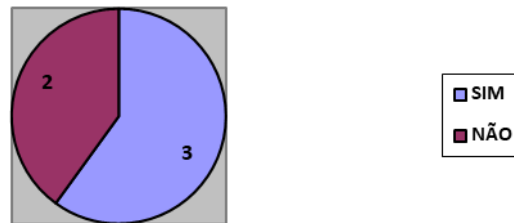
Notou-se que assim como apontado nos estudos consultados para essa pesquisa, que a prevalência do TDAH no ambiente escolar é uma realidade. Assim sendo.

A questão seguinte abordou a capacitação desses professores para trabalhar com esses alunos, sendo que todos marcaram a opção de “sim”, onde firmaram terem ser tido uma capacitação acerca do assunto.

A capacitação é, de acordo com Bento (2019), um dos requisitos de importância para o trabalho com o aluno com TDAH, posto que, de acordo com Belli (2008), estes são específicos e devem ser apreendidos primeiramente pelo docente para que, posteriormente, eles possam ser aplicados aos alunos. No entanto, vale ressaltar também que, de acordo com Belli (2008), um mesmo recurso nem sempre funcionará com alunos distintos que possuem o transtorno, sendo necessário ao docente aprimorar o que mais convém ao aluno.

A próxima pergunta abordou se algum professor conseguia identificar algum de seus alunos como os sintomas do transtorno, desse questionamento, os seguintes resultados foram catalogados:

Gráfico 2: identificação dos sintomas do transtorno



Fonte: as autoras (2019).

Entre os três professores que concordaram, foi destinada uma pergunta associada que questionava acerca de quais eram os comportamentos que os levavam à acreditar na possibilidade de prevalência do transtorno.

Acerca dessa pergunta, um dos professores afirmou que os sintomas notados no aluno que ele considerava possuir o transtorno eram que, na transcrição de suas palavras, “o aluno se dispersa com facilidade, não consegue ficar sentado, se distrai com seus materiais e pertences e com tudo não consegue concluir suas atividades”.

O segundo professor que também afirmou a possibilidade de identificação escreveu que os sintomas eram de “agitação, disperso, falta de concentração, conversas paralelas durante as aulas”. Já o terceiro professor que alegou possuir um aluno que ele considera portador do TDAH não citou as atitudes percebíveis nele, coincidentemente, esse mesmo professor, marcou a opção de não saber se possui seu aluno possui diagnóstico médico, o que pode apontar duas hipóteses distintas: ou o entrevistado prefere não levantar conclusões precipitadas, ou ele não teria as informações necessárias para argumentar a respeito.

Vale destacar que os mesmos comportamentos ressaltados pelos autores utilizados para a parte teórica desta pesquisa foram abordados pelos professores que responderam os questionários, mas que, também, coadunam visões que podem não ser associadas ao transtorno, o que caracteriza a necessidade de um diagnóstico proveniente de um profissional da área.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar da pequena quantidade de pessoas entrevistadas foi possível perceber que a maioria possui conhecimento para identificar um possível caso de TDAH em seu aluno.

Porém, a pesquisa também pode identificar que existem professores que não possuem a informação acerca de laudos médicos anteriores do aluno, o que permitiria preparo do docente para recebe-lo, de maneira antecipada, o que é considerado de extrema importância.

De acordo com os autores utilizados na pesquisa, essa falta de informação pode trazer consequências negativas para o processo de ensino aprendizagem da criança, pois sem o conhecimento dos proble-

mas cognitivos que seu aluno possui o professor não conseguirá adequar suas aulas, sua metodologia, de acordo com a necessidade do aluno, o que o prejudicará.

Vale ressaltar que a ausência de conhecimento acerca do laudo pode acarretar em uma rotulação do aluno, pode acabar sendo tratado como desobediente, irrequieto, maldoso, entre outros, o que, na verdade é ocasionado pelo transtorno, sendo um de seus principais sintomas.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE DÉFICIT DE ATENÇÃO. **Relação professor, escola, aluno e família: a educação unida para o sucesso.** ABDA, 20 de junho de 2017. Disponível em: <<http://tdah.org.br/relacao-professor-escola-aluno-e-familia-a-educacao-unida-para-o-sucesso/>>. Acesso em: 02/12/2019

AFONSO, Dulcinéia Rodrigues, **Aprendizagem de alunos com Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade: o orientador educacional como potencializador do processo.** 23 f. Tese (Pós-graduação) - Administração, Faculdade Redentor, 2011.

American Psychiatric Association. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5.** 5ª. ed. Artmed, Porto Alegre, 2014

BRASIL. **LDB: Lei De Diretrizes E Bases Da Educação Nacional: Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.** 13ªed. Câmara dos Deputados, Brasília, 1996.

BELLI, Alexandre Amalio. **TDAH: e agora.** São Paulo: Editora sts, 2008.

BENTO, Luiz Antônio, et al. Crianças com transtorno de déficit de atenção e hiperatividade-TDAH: comparação do empenho escolar de alunos tratados e não tratados com matifendiatto. **REVISTA UNINGÁ**, 2019, 56.2:151-159

CALIMAN, Luciana Vieira. **O TDAH: entre as funções, difusões e otomização da atenção.** *Psicologia em estudo*, 2008, 13.: 559-566.

DUTRA, Claudia Pereira, et al. **Política Nacional de educação especial na perspectiva da educação inclusiva.** 2007.

GOMES, Marcelo; VILANOVA, Luiz Celso Pereira. Transtorno de Déficit de Atenção-Hiperatividade na Criança e no Adolescente: Diagnóstico e Tratamento. **Revista Neurociências**, 1999, 7.3: 140-144. Disponível em: <<http://www.revistaneurociencias.com.br/edicoes/1999/RN%2007%2003/Pages%20from%20RN%2007%2003-8.pdf>>. Acesso em: 07.maio.2019.

GRAEFF, R. L; VAZ, C.E.. **Avaliação e diagnóstico do transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH)**, São Paulo, v.19, n. 3, Jul./Set., 2008. Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642008000300005>. Acesso em: 12.junho.2019.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **A educação especial no Brasil: da exclusão à inclusão escolar.** Faculdade de Educação Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2002.

MARTINS, Iara Kesting de Souza. **Desempenho escolar de estudantes matriculados nos anos finais do ensino fundamental: uma análise descritiva antes e após serem diagnosticados com transtorno do déficit de atenção/hiperatividade (TDAH).** *Pedagogia-Tubarão*, 2019.

PAPALIA, Diane E.; FELDMAN, Ruth Duskin, **Desenvolvimento Humano.** Porto Alegre : AMGH, 2013.

PEREIRA, S.; ARAÚJO, A.; MATTOS, P. **Transtorno do déficit de atenção e hiperatividade (TDAH): aspectos relacionados à comorbidade com distúrbios da atividade motora**, Recife, v 4, p. 391-402, out./dez, 2005. Disponível em :< <http://www.scielo.br/pdf/rbsmi/v5n4/27757.pdf>>. Acesso em: 21.maio.2019.

ROHDE, L. A.; Et al. **Princípios e práticas em TDAH.** Artmed, Porto Alegre, 2003.

SILVA, Ana Beatriz B. **Mentes Inquietas.** São Paulo: Editora Gente, 2003.

SMITH, C. STRICK, L. **Dificuldades de aprendizagem de A a Z.** Porto Alegre: Ed. Artmed, 2001.

SOUZA, Maria Isabel Tavares, et al. Métodos de alfabetização para atender ao aluno com TDAH. **Revista de Iniciação Científica da Universidade Vale do Rio Verde**, 2018, 7.2.